

Gaza, com o gás na mira

By [Manlio Dinucci](#)

Global Research, July 24, 2014

ilmanifesto.it

Para compreender melhor uma das razões do ataque israelense contra Gaza é necessário se ir em profundidade, exatamente a 600 metros abaixo do nível do mar, a 30 Km da costa litoral. Lá, nas águas territoriais palestinas encontra-se um grande depósito de gás natural, Gaza Marinha, estimado em 30 bilhões de metros cúbicos, num valor de bilhões de dólares. Outros depósitos de gás e petróleo, de acordo com um mapa estabelecido pela U.S. Geological Survey (agência governamental dos Estados Unidos), encontram-se em terra firme, em Gaza e na Cisjordânia.

Em 1999, com um acordo assinado por Yasser Arafat, a Autoridade Palestina confiou a exploração da Gaza Marinha a um consórcio formado pelo “British Group” e “Consolidated Contractors” (companhia particular palestina), com respectivamente 60% e 30% das ações, nas quais o Fundo de Investimento da Autoridade Palestina tem um porcentagem de 10%. Dois poços de petróleo foram abertos, Gaza Marinha-1 e Gaza Marinha-2. Mas eles nunca jamais entraram em função, porque foram bloqueados por Israel, que queria todos os dividendos desse gás confiscados. Por intermédio do ex-Primeiro Ministro Tony Blair, enviado do “Quarteto para o Oriente Médio”, foi preparado um acordo com Israel que retiraria dos palestinos $\frac{3}{4}$ dos futuros rendimentos do gás, colocando a parte que se lhes retornaria, numa conta internacional controlada por Washington e Londres. Entretanto, imediatamente depois de ter ganho as eleições de 2006, Hamas recusou o acordo qualificando-o de roubo, e exigiu uma renegociação do mesmo. Em 2007, o atual ministro israelense da Defesa, Moshe Ya’alon disse que “o gás não poderia ser extraído sem uma operação militar que erradicasse o controle de Hamas de Gaza”.

Em 2008 Israel lançou a operação “Chumbo Fundido” contra Gaza. Em setembro 2012 a Autoridade Palestina anunciou que, apesar da oposição de Hamas, ela tinha retornado as negociações sobre o gás com Israel. Dois meses depois, a admissão da Palestina como um “Estado observador não membro” na ONU, veio a reforçar a posição da Autoridade Palestina nas negociações. Gaza Marinha continua entretanto bloqueada, impedindo os palestinos de explorar a riqueza natural deles. Mas nesse ponto deu-se uma reviravolta e a Autoridade Palestina entrou num outro caminho. Em 23 de janeiro de 2014, de quando do encontro do presidente palestino com o presidente russo, Vladimir Putin, discutiu-se a possibilidade de confiar à companhia russa Gazprom a exploração dos depósitos de gás, nas águas de Gaza. Foi a agência Itar-Tass que o anunciou, ressaltando que a Rússia e a Palestina tinham um entendimento para reforçar a cooperação no setor energético. Nesse cenário, além da exploração dos depósitos de gás, tinha-se em mente as jazidas de petróleo nos arredores da cidade palestina de Ramalá, na Cisjordânia. Nessa mesma região a sociedade russa Technopromexport está pronta a participar na construção de uma central termoelétrica com uma potência de 200 MW. A formação do novo governo palestino de unidade nacional, em 2 de junho de 2014, reforçava a possibilidade de que o acordo entre

a Palestina e a Rússia chegasse a um bom porto, e atracasse bem. Dez dias mais tarde, em 12 de junho, teve-se o desaparecimento de três jovens israelenses, que foram retornados mortos em 30 de junho : esse veio a ser o pontual casus belli - motivo de guerra - que levou a operação “Barreira Protetora” contra Gaza. Essa é uma operação que entra na estratégia de Tel Aviv, que tem em vista também o se apropriar das reservas energéticas da inteira Bacia do Levante, na qual as reservas palestinas, libanesas e sírias estão incluídas. Depois tem-se a estratégia de Washington, que em apoiando Israel, tem o controle de todo o Oriente Médio, assim como o impedir a Rússia de restabelecer uma influência na região, nos seus próprios planos.

Essa é uma mistura explosiva, na qual as vítimas são, ainda mais uma vez, os palestinos.

Manlio Dinucci

Edição de terça-feira, 15 de julho de 2014 de il manifesto

Traduzido por Anna Malm, artigospoliticos.com, para Mondialisation.ca

The original source of this article is ilmanifesto.it

Copyright © Manlio Dinucci, ilmanifesto.it, 2014

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: **[Manlio Dinucci](#)**

About the author:

Manlio Dinucci est géographe et journaliste. Il a une chronique hebdomadaire “L’art de la guerre” au quotidien italien il manifesto. Parmi ses derniers livres: Geocommunity (en trois tomes) Ed. Zanichelli 2013; Geolaboratorio, Ed. Zanichelli 2014; Se dici guerra..., Ed. Kappa Vu 2014.

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance

a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca